

## Ciberativismo da juventude negra:

### Exoesqueleto no enfrentamento ao racismo<sup>1</sup>

Juarez Tadeu de Paula Xavier<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é um estudo sobre os arranjos produtivos locais intensos de cultura [ApliCs] da juventude afrodescendente e da articulação de um exoesqueleto formado na ecologia digital, com a gestão convergente de processos, pessoas e plataformas, para o enfrentamento do racismo e do genocídio de jovens negros, com foco na produção editorial do “Portal Alma Preta”, experiência de ciberativismo de mídia radical negra.

**Palavras-chave:** racismo; ciberativismo; exoesqueleto; ApliC; mídia radical.

**Abstract:** This article is a study on the intense local productive arrangements of Afrodescendant youth culture and the articulation of an exoskeleton formed in the digital ecology with the convergent management of processes, people and platforms, to face racism and genocide of young blacks, focusing on the editorial production of the “Portal Alma Preta”, an experience of radical black media cyber-activism.

**Keywords:** racism; cyberactivism; exoskeleton; ApliC; radical media.

#### Introdução - Exoesqueleto – ciberativismo da juventude afrodescendente

O processo de expropriação material e imaterial das riquezas sociais tornou-se global. Amplificaram-se as contradições econômicas, políticas, sociais e culturais. Os conflitos, as segregações e as violências simbólicas e físicas tornaram-se agudas. Evidenciaram-se as contradições sociais e os conflitos inerentes a essas contradições. Os fenômenos tornaram-se mais complexos e em escala ampliada. Surgiu um cenário novo. A realidade tornou-se complexa, multidimensional e comporta versões antagônicas<sup>3</sup>, para grupos sociais em

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado ao Eixo Temático 02 – Movimento Sociais/Ciberativismo/Resistência do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup>Pesquisador e professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Bauru. É Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam/USP) – linha comunicação e cultura - e participa do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos em Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã - Lecotec/UNESP. E-mail: [jxavier@faac.unesp.br](mailto:jxavier@faac.unesp.br).

<sup>3</sup>Esse cenário favoreceu a emergência do conceito de pós-verdade. Segundo esse termo, na ecologia digital a versão se sobrepõe à arguição racional, baseada em fatos reais. É a ruptura com o legado inicial do jornalismo de

posições diferentes na sociedade, em conflito de classe, gênero, raça/etnia, na disputa pelos recursos materiais e imateriais disponíveis. Intensificaram-se os enfrentamentos entre os grupos hegemônicos e os segmentos sociais em condições vulneráveis.

Desde a década de 1970, observa-se um processo permanente e robusto de concentração de renda (PIKETTY, 2014). No período pós Segunda Guerra, a noção de que as políticas públicas eram o mecanismo adequado para a superação das desigualdades foi hegemônica. Os países europeus –tendo a Inglaterra, a Alemanha e a França como vanguarda dessas políticas, e entre as nações do Leste Europeu, a vanguarda cabia à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas- construíram os “estados de bem estar social”. Educação, saúde, moradia e renda eram objetos de políticas estatais, para a superação das desigualdades, aprofundadas pelas guerras, que destruíram as bases das infraestruturas de atenção social. Essas políticas favoreciam os grupos sociais nativos –europeus- e se estendiam para os grupos sociais que imigravam para as sedes dos países que construíram bases coloniais nos diversos continentes. Há uma inflexão nessa política com a emergência dos projetos neoliberais<sup>4</sup>, liderados pela Inglaterra e Estados Unidos (PEKETTY, 2014), tendo o Chile como base laboratorial para suas políticas privatistas (ROLNIK, 2016). Essas ações políticas liberalizantes fragmentaram o movimento consensual de ter o estado como alavanca instrumental de superação da desigualdade, e passaram a advogar a primazia do mercado como vetor de construção da equidade social.

No período que se estende entre o final do século 20 e o início do século 21, o centro das rezingas políticas foi o papel do estado e do mercado na construção da equidade social. Para os segmentos à esquerda no espectro político, o estado tem papel estratégico insubstituível para a inclusão dos setores excluídos nas sociedades modernas<sup>5</sup>. Para os segmentos à direita no espectro político, o mercado assume papel central na elaboração dos projetos políticos de inclusão social<sup>6</sup>. Esses enfrentamentos políticos e ideológicos estimularam o motor das

---

descrição factual possível, dadas às limitações da relação cognoscível entre observador e fato observado, de uma realidade objetiva para além das subjetividades.

<sup>4</sup>Consenso de Washington (1989). Regras elaboradas pelo economista norte-americano John Williamson. 1. Disciplina fiscal; 2. Reordenamento nas prioridades dos gastos públicos; 3. Reforma tributária; 4. Liberalização do setor financeiro (livre determinação das taxas de juros pelo mercado e abolição dos controles de câmbio); 5. Manutenção de taxas de câmbio competitivas; 6. Liberalização comercial; 7. Atração de investimentos diretos estrangeiros; 8. Privatização de empresas estatais; 9. Desregulamentação da economia; 10. Proteção a direitos autorais. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451994000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451994000100007)>. Acesso em: 28.jan.2017, às 19h41.

<sup>5</sup>Fórum Social Mundial. Disponível em: <<http://fsmmpo.com.br/>>. Acesso em: 28.jan.2017, às 19h47.

<sup>6</sup>Fórum Mundial Econômico. Disponível em: <<https://www.weforum.org/>>. Acesso em: 28.jan.2017, às 14h.

disputas eleitorais em todos os quadrantes, desde os países centrais do capitalismo [nações hegemônicas no processo de globalização], até os países periféricos do capitalismo [nações subalternas no processo de globalização excludente].

Esses enfrentamentos articularam uma ambiência política hostil, e radicalizaram posições políticas, propiciando a emergência de projetos condenados no passado, como as rearticulações dos grupos nazistas e fascistas, em países fraturados por essas políticas, como a Alemanha e a Itália. A crise dos refugiados na Europa estimulou esse ambiente abrasivo. Partidos de extrema direita ganham expressão em eleições regionais e nacionais, adotam-se políticas restritivas à imigração, hostiliza-se a presença cultural de grupos oriundos das ex-colônias, proíbe-se o acesso de imigrantes às políticas de atenção social, ressurgem no léxico político conceitos e palavras banidas das narrativas democráticas: racismo, preconceito, discriminação, machismo, estupro coletivo, homofobia, xenofobia, extermínio e genocídio.

Nesse horizonte extremista, fortalece-se o fascismo social (SANTOS, 2007). Nele, ideias articuladas pelo racismo social inventado no século 19 são revividas. Defende-se o desmonte dos direitos sociais contratados, a segregação de segmentos sociais acêntricos, a “condominização” das relações sociais, o apartheid, o cerceamento de grupos humanos em espaços geográficos definidos, o encarceramento em massa de grupos sociais em conflito com a lei e a violência como gramática social da organização política nas grandes cidades.

Os enfrentamentos se dão nas arenas tangíveis [disputada pelos recursos materiais da sociedade] e intangíveis [disputa das narrativas sobre as formas de apropriação dos recursos materiais e simbólicos]. Os recursos digitais –e seus conteúdos- articulados pela ecologia virtual são disputados pelos segmentos que se digladiam pelos recursos materiais econômicos e sociais. Há uma disputa permanente pelo acesso, apropriação e ressignificação dos dispositivos de produção e reprodução simbólica.

Os grupos acêntricos<sup>7</sup> se apropriam dos dispositivos digitais, para a produção de conteúdos contra hegemônicos: os exoesqueletos tecnológicos, compostos por ateliês criativos, cadeias de produção e conexões locais, regionais e globais, para a edição das mídias radicais contra o *status quo*.

O conceito de exoesqueleto é usado nesta pesquisa tendo como parâmetro a armadura do “Homem de Ferro”, personagem dos HQs da franquia Marvel Comics<sup>8</sup>. Anthony “Tony” Stark

---

<sup>7</sup>São considerados grupos acêntricos aqueles que mesmo sendo maiorias sociológicas não têm prerrogativas de uso e autonomia na disposição dos capitais econômico, cultural, social e político na sociedade moderna.

<sup>8</sup>Armadura do Homem de Ferro. Disponível em:<<https://www.tecmundo.com.br/infografico/39490-conheca-mais-sobre-as-armaduras-do-homem-de-ferro-infografico-.htm>>. Acesso em: 02.jan.2017, às 10h01.

é físico e engenheiro elétrico formado no mitológico centro de desenvolvimento tecnológico MIT [Massachusetts Institute of Technology], com inteligência criativa aguçada. Com os recursos que o empresário/bilionário/cientista tem, ele projeta e constrói um equipamento que lhe dá poderes super-humanos. “Tony” voa em velocidade supersônica, que permite a ele estar em diversos locais do mundo em uma pequena fração de tempo; enxerga mais do que o olho humano é capaz, com visão precisa e esquadrinhada que permite ver os detalhes dos fatos tangíveis e intangíveis observados; tem poderes excepcionais capazes de absorver fortes impactos e disferir intensos golpes, e tem recursos destrutivos capazes de pulverizar obstáculos físicos intransponíveis para o ser humano comum. A armadura potencializa as ações do inteligente, fecundo, inventivo e sagaz “Tony” Stark.

O exoesqueleto digital tem os mesmos efeitos para os segmentos acêntricos que se apropriam dos seus recursos. Ele é resultado da ação coordenada entre os diversos arranjos produtivos locais intensos de cultura [ateliês digitais] capilarizados pelo território, e excitados por jovens moradores das periferias, que ressemantizaram suas formas de uso e de produção de conteúdo. As políticas públicas brasileiras<sup>9</sup> de inclusão, adotadas nas primeiras décadas do século 21, propiciaram a emergência desse exoesqueleto. Elas colocaram à disposição de segmentos excluídos os recursos digitais [software e hardware], os agentes criativos para a formação e letramento virtual [usuárias e usuários disruptivos e produtores de conteúdos originais] e os recursos necessários para sua articulação [pontos e pontões de cultura em áreas e regiões com vulnerabilidade sociais].

Dessa forma, os grupos sociais, assim como “Tony” Stark, entreviram potencialidades novas, para a articulação política e elaboração de conteúdo no enfrentamento às ações políticas e narrativas dos grupos sociais hegemônicos, conservadores, racistas, machistas, xenófobos e homófobos.

### **Concentração dos meios de produção e reprodução simbólicas**

O Brasil distingue-se pela concentração dos meios de comunicação social em uma pequena franja de proprietários. Os jornais, revistas, emissoras de televisão e rádio e a internet são monopolizados por grupos empresariais que repetem os mesmos conteúdos – rede da factibilidade (TUCHMAN, 1983) - sem a neutralidade, isenção e imparcialidade que sustentavam o ethos da atividade profissional do jornalismo ocidental (GENRO FILHO, 1987). Seus conteúdos reproduzem os interesses dos segmentos sociais hegemônicos,

---

<sup>9</sup>Pontos de Cultura. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura1>>. Acesso em: 20.jan.2017, às 17h.

defendem os valores das classes sociais detentoras dos seus sistemas de produção, reproduzem preconceitos contra grupos sociais subalternos e promovem as justificativas conceituais para as desigualdades estruturais que separam os ricos e incluídos dos pobres e excluídos nos sistemas econômicos e sociais do país (CHAUI, 2006).

Os sistemas políticos cujos meios de comunicação se encontram tutelados pelos poderes políticos e econômicos, como o brasileiro, estimulam a emergência da mídia radical (DOWNING, 2002). Segmentos sociais sem acesso ao sistema de produção de conteúdo e à esfera pública articulam mídias, pautas e espaços de veiculação: sindicatos, organização dos trabalhadores sem terra e teto, jovens negros discriminados, jovens pobres segregados, jovens negras desassistidas pelo sistema de saúde, mulheres abusadas pela lógica do machismo, jovens gays perseguidos, jovens lésbicas constrangidas e jovens em conflitos com a lei, em todos os segmentos de atividade política e social.

Plataformas analógicas, digitais, tradicionais e alternativas se revezam na disputa de narrativas com as mídias oficiais, como o amplo movimento global de enfrentamento ao capital, que se espalhou por todos os continentes, promovidos por coletivos culturais com acesso aos recursos analógicos e digitais<sup>10</sup>.

As mídias radicais formam, pela diversidade, uma tapeçaria midiática - suportes com diversas configurações [impressos, eletrônicos, digitais, analógicos, vestuários, danças populares, poemas, teatro de rua, penteados, bottons, pichações, cartazes, performances, discursos, piadas, ditados populares], mídias com sistemas complexos de comunicação [emissores, canais, conteúdos e públicos ativos] e reivindicações radicais [narrativas políticas sem isenção, neutralidade e imparcialidade, mas com objetividade epistêmica], com observou Downing (2002).

As mídias digitais ampliaram as possibilidades de ação política das mídias radicais e obtiveram dimensões globais. A política de universalização do acesso à rede mundial de computadores favoreceu a instauração dessas mídias. A capilaridade dos ateliês digitais e as suas conexões pelo território ofereceram as bases técnicas e operacionais para a formação da infraestrutura de comunicação dos grupos acêntricos, a articulação do exoesqueleto de veiculação de conteúdo, a denúncia e as ações reversivas, aderentes às demandas dos grupos sociais segregados.

---

<sup>10</sup>Mídia Ninja. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/>>. Narrativas Independentes Jornalismo e Ação. Acesso em: 1º.jan.2017, as 23h13.

O exoesqueleto digital apropriado pela juventude negra, pobre e moradora nas periferias, denuncia as violências que se abatem e humilham essa fração social e dá base à campanha contra o extermínio da juventude negra, um dos focos do ciberativismo afrodescendente.

O Portal Alma Preta é um dos pontos de articulação do ciberativismo de combate à violência contra a juventude afrodescendente.

### **Arranjos Produtivos Locais Intensos de Cultura [ApliCs] afrodescendentes**

O objetivo deste artigo é contribuir com a compreensão do papel dos arranjos produtivos locais intensos de cultura [ApliCs] na organização política de grupos acêntricos nas periferias das cidades. As ações políticas desses grupos articulam dispositivos digitais para a produção de conteúdo e ação política, com características de mídias radicais e de oposição. Os polos de cultura da juventude negra se apropriaram do exoesqueleto digital, formado pela infraestrutura tecnológica para o enfrentamento ao racismo. A atuação política dessas conexões rompe com a invisibilidade agenciada pelos meios de comunicação de mercado. A morte de jovens negros, pobres e moradores das periferias não tem a cobertura sistemática dos veículos empresariais. Esse fenômeno que dilacera famílias afrodescendentes é monitorado pelas organizações de jovens que, ao se apropriarem da infraestrutura digital, formam uma esfera pública radical para a denúncia dessas mortes e a reivindicação de políticas públicas reversivas.

### **Contradições na ambiência digital global**

A globalização é um processo complexo e contraditório. Nesse breve lapso de tempo do século 20, ela capilarizou-se, enraizou-se e multiplicou-se por todos os continentes. As lógicas comerciais e produtivas derrubaram preços, distribuíram produtos e serviços e deitaram fronteiras, preservadas, porém, para o trânsito de pessoas. O nacionalismo emergente desta segunda década do século 21 aponta os limites e contradições da globalização na produção, distribuição e consumo de bens materiais e imateriais. Países outrora beneficiados pela onda globalizante estendem barreiras físicas e legais ao fluxo de produtos e pessoas<sup>11</sup> (SANTOS, 2007; SANTOS, 2000).

Na esteira das contradições –solúveis e insolúveis– da globalização criaram-se as condições promissoras para a articulação da ecologia digital e a construção de uma infraestrutura virtual que ampliou a capacidade de conhecimento das ocorrências no planeta (SANTOS, 2000).

---

<sup>11</sup>Fim do período democrático. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/27/o-fim-do-neoliberalismo-progressista/>. Acesso em: 1º.jan.2017, às 22h59.

O capital criou um motor único de investimentos que financiou a expansão da rede digital. O trânsito rápido e instantâneo dos ativos financeiros –condições para operar em todas as principais bolsas de investimento do mundo- criou “estradas” digitais de alta velocidade e com baixo índice de ruído para a transmissão de dados, imagens e informações. A virtualização das atividades cotidianas promoveu uma educação massiva de extensas fatias sociais, com a utilização de cartões magnéticos [bancários, transporte público, acesso a ambientes sociais e às informações públicas e privadas]. Acessam-se as vias digitais para as mais comuns e corriqueiras operações diárias. Capturar, editar, produzir e disseminar imagens e informações tornaram-se procedimentos simples e práticos. As atividades históricas [fenômenos com impactos locais e globais] convergem com as atividades virtuais [a transmissão dos fenômenos globais] e são recebidas simultaneamente em plataformas móveis [celulares e tablets] e domésticas [televisores e computadores], promovendo uma contínua convergência de momentos, graças à “familiaridade técnica”, pela primeira vez na história da humanidade (SANTOS, 2000).

A ambiência virtual promove o letramento ampliado dos movimentos sociais e culturais nas principais cidades do mundo, com concentração de “próteses” tecnológicas digitais e analógicas.

Disseminam-se pautas de reivindicação política, como o movimento antiglobalização<sup>12</sup>, procedimentos tecnológicos de cobertura em tempo real, com dispositivos móveis, estratégias de enfrentamento às forças de repressão, formas de organização horizontais e novos processos de ação política, promovendo o conhecimento intensivo e extensivo dos movimentos sociais do planeta.

A “cognoscibilidade” das ocorrências políticas nas principais cidades do mundo evidenciou a magnitude dos movimentos políticos isolados e pequenos, e promoveu mudanças nas estratégias de ações dos grupos acêntricos<sup>13</sup> no enfrentamento ao *status quo*.

A cidade tornou-se a espaço de “guerras” e disputas políticas entre os grupos hegemônicos e os grupos acêntricos e segregados (ROLNIK, 2016; HARVEY, 2013).

A crise global de 2008 expôs as fraturas no sistema de colonização do espaço urbano pelo capital especulativo, e promoveu a profunda crise imobiliária que liquefez a economia de países centrais e periféricos na cartografia do capitalismo. Degradação das ex-cidades

---

<sup>12</sup>Antiglobalização. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antiglobaliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 03.jan.2017, às 13h09.

<sup>13</sup>Podemos/Espanha. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Podemos\\_\(Espanha\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Podemos_(Espanha)). Acesso em: 03.jan.2017, às 13h28.

industriais, paralisação de construção das novas cidades funcionais, estagnação nas obras de infraestruturas, com suas implicações sociais [demissão em massa, desalojamento de grupos sociais em condições vulneráveis (velhos, crianças e pessoas com deficiência), suicídios e violências sistemáticas] que impulsionaram formas e dispositivos de resistências. As cidades assistiram ao surgimento de ações políticas que ombream com as experiências do século passado, de resistências políticas em áreas urbanas.

As ações de “ocupação”<sup>14</sup> tornaram-se a régua do ato política nas principais cidades. Foram ocupados edifícios privados [sedes de bancos globais] e públicos [repartições administrativas locais]. Edifícios residenciais desocupados nos centros das cidades tornaram-se foco das denúncias de gentrificação [fenômeno que afeta áreas geográficas, com mudanças na composição social, valorizando a região e expulsando a população pobre] e higienização das urbes, promovidas pelas novas administrações públicas de corte conservador. Explodem a violência institucional contra todos os grupos e frações sociais em condições de vulnerabilidade.

No Brasil, em razão do racismo institucional e estrutural, a vítima cardeal é a juventude negra, moradora da periferia e morta com arma de fogo. O racismo é um traço característico dessa mortandade (WAISELFISZ, 2015; MUNANGA, 2001).

No país, há a sobreposição de três aspectos fundamentais da segregação extremada: o preconceito que estigmatiza a população negra, tornando-a vítima privilegiada das violências físicas e simbólicas; a discriminação racial que segrega essa população em todos os espaços de representação sócio-política-econômica; o racismo que eleva os índices de morbidade dessa população a indicadores extremados, se comparados com outros países.

As políticas públicas adotadas nas últimas décadas favoreceram a constituição de arranjos produtivos locais intensos de cultura [unidades de produção de conteúdo], para a edição de narrativas contra hegemônicas como mídias radicais nos enfrentamentos nas cidades rebeladas (SOARES, 2015; LIMA, 2013; MORAES, SERRANO, RAMONET, 2013; CHAUI, 2006; DOWNING, 2002).

Esses ApliCs tornaram-se as vias de divulgação e denúncias das violências sistêmicas que submetem esses segmentos, e estruturaram uma esfera pública precária, radical, alternativa e eficiente, para a organização e formulação de políticas públicas do interesse dessa população.

A apropriação crítica e criativa dessa “armadura” pela juventude negra favoreceu a ação política de enfrentamento ao racismo e suas consequências sociais (XAVIER; XAVIER, 2015).

---

<sup>14</sup>Occupy. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy\\_Wall\\_Street](https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street). Acesso em: 28.jan.2017, às 21h05.

O Portal Alma Preta –produtor de conteúdo político contra o racismo- é um ponto de articulação da resistência e ação política interseccional<sup>15</sup> de jovens negras e negros na sociedade brasileira: enfrentamento de classe, gênero e raças/étnicos.

### **Mapa da violência, omissão da mídia e cobertura do Portal Alma Preta**

Os dados sobre violência contra a juventude apontaram o caráter racial dos homicídios. O perfil das vítimas evidencia esse fenômeno: jovem, negro, morador na periferia das cidades [pequenas, médias e grandes], sem passagem pelo sistema penal e morto com armas de fogo. Esses homicídios se dão de forma generalizada no território, em linha ascendente nas regiões de concentração de população negra, e sem a identificação dos autores.

Segundo os dados, entre os anos de 2002 e 2010, com base no Sistema de Informações de Mortalidade, foram assassinados 272.422 afrodescendentes. Média de 30.269 por ano. Em 2010 foram 34.983 (WAISELFISZ, 2015).

A tendência não se alterou no mapa da violência de 2015: “Mortes matadas por armas de fogo”. O documento aponta a perversidade crescente da seletividade racial dos homicídios. As taxas de brancos caíram entre 2003 (14,5%) e 2012 (11,8%). A taxa de negros cresceu 14,1%: de 24,9% para 28,5%. A vitimização negra no país duplicou: em 2003 era de 72,5%. Em 2012 foi de 142%: morrem 2,5 vezes mais jovens negros que jovens brancos vitimados por arma de fogo.

O fenômeno se encaixa nos critérios de noticiabilidade: magnitude, impacto social, perversidade crescente, foco em um grupo social específico vítima de racismo, segmento social em condições vulneráveis [jovens, pobres e moradores das periferias]. Porém, não houve o debate público negligenciado pelos maiores jornais em circulação e nos veículos eletrônicos e digitais do país.

A divulgação e a repercussão ampliada dos dados foram feitas pela Coordenação do Fórum Nacional de Juventude Negra<sup>16</sup>. O fórum é o espaço de articulação, interação e aglutinação de grupos e organizações de juventude negra, interessados na ação política nacional.

Essas organizações são as bases de sustentação do exoesqueleto tecnológico para a produção de conteúdo, em diversas linguagens e plataformas. Seu sistema de articulação prescinde dos meios de comunicação social hegemônico. A campanha contra o extermínio articula, debate, cria demandas institucionais, provoca a ação dos poderes institucionais [legislativo, judiciário e executivo] nas três esferas políticas [município, estado e federal], reivindica políticas

<sup>15</sup>Tese defendida pela pensadora Angela Davis em sua obra “Mulheres, raça e classe” (2016).

<sup>16</sup>Disponível em: < <http://forumnacionaldejuventudenegra.blogspot.com.br/>>. Acesso em 29/01/2017, às 12h52.

públicas, denuncia a violência e enfrenta as formas correlatas de racismo [machismo, homofobia e xenofobia].

Assim, o panorama das organizações da juventude negra caracteriza-se pela apropriação dos dispositivos digitais, organizados em ateliês criativos, com conexão internas e externas e a constituição de um exoesqueleto de produção, distribuição e fruição de teor político no enfrentamento ao preconceito, à discriminação, ao racismo e ao extermínio da população negra, jovem, pobre e moradora nas periferias brasileiras.

É nesse ambiente hostil que o Portal Alma Preta produz conteúdo [capturação, edição, difusão] de enfrentamento às violências físicas e simbólicas [preconceito, discriminação e racismo] e contribui com a formulação de políticas públicas reversivas.

### **Alma Preta<sup>17</sup> e a defesa da vida**

O Portal Alma Preta<sup>18</sup> é um sistema de produção de conteúdo de informação completo, com gestão de processos [administrativos e produtivos], gestão de pessoas [redação interna e rede de colaboradoras e colaboradores] e gestão de recursos [redação digital com sistema de funcionamento virtual]. O projeto inicial analisou o perfil do seu público potencial, estudou a viabilidade econômica e as possibilidades de gestão global do processo. Ele baseou-se no conceito de redação virtual [processo desterritorializado do ciclo de produção jornalística] e no financiamento colaborativo, que desempenha ação consistente na luta política da juventude negra e pobre da periferia contra a violência sistêmica.

Segundo os articuladores do portal<sup>19</sup>, o público brasileiro era o alvo principal da plataforma. De acordo com os dados colhidos [Google Analytics] em 2015, “89% das visitas” foram feitas no território nacional. Em seguida, perto de 4%, aparecem os EUA. Na plataforma do Facebook, os dados são similares: 4.338 seguidores: 18 da República Democrática do Congo; 14 de Angola; 12 dos EUA. Com base nesses dados, os editores estudavam a ampliação da audiência para as regiões com “grande comunidade negra”, como os EUA e países do

---

<sup>17</sup>Trabalho de Conclusão de Curso [TCC] do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pelo aluno Pedro Borges Franco Zimmermann do Nascimento, sob a orientação do Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, defendido em 2016. Os dados deste artigo fazem parte do relatório técnico da pesquisa.

<sup>18</sup>Disponível em: <<http://www.almapreta.com/>>. Acesso em: 10.fev.2017, às 9h37.

<sup>19</sup>Pedro Borges Franco Zimmermann do Nascimento, Vinicius de Almeida Martins e Sólton Barbosa Veloso Neto; estudantes do curso de jornalismo da FAAC/UNESP e fundadores do Coletivo Negro Kimpa.

continente africano, em especial os “lusófonos”, como Angola e Moçambique. Porém, o epicentro era o Brasil, com 4.203 seguidores. Para eles, no país, com a segunda maior população negra no mundo, ficando atrás da Nigéria, “a população negra está em uma situação de grande vulnerabilidade”, em razão dos altos índices de encarceramento e homicídio de afrodescendentes, merecendo as atenções da cobertura do portal.

Os Mapas da Violência<sup>20</sup> e do Encarceramento<sup>21</sup> forneceram dados para a definição da política editorial do veículo. De acordo com os números disponibilizados pelos mapas, a juventude negra era o centro das violências sociais e o principal contingente de presos no país. Isso fez com que a política editorial tivesse a juventude negra como foco central de suas atuações.

Com o mapeamento dos acessos em mãos [Google Analytics], os editores observaram que 27,50% dos visitantes do portal tinham “entre 18 e 24 anos”; 33,50%, “entre 25 e 34 anos”. Quanto ao gênero, há uma aproximação estatística: 45,85%, público feminino; 54,15%, público masculino. No Facebook, avaliaram os editores, havia a confirmação quando ao perfil etário dos acessos, mas também discrepância quanto ao acesso por gênero: 61% de público feminino; 39% de público masculino. Os dados articulados e consolidados quando ao perfil indicavam que 78% dos acessos foram feitos por pessoas com idade entre 18 e 34 anos. Por limitações das plataformas, não foi possível identificar o recorte étnico-racial das pessoas que acessaram o veículo. Porém, pelas características do portal [proximidade populacional, conteúdo veiculado, articulação com arranjos produtivos locais intensos de cultura afrodescendentes], os editores avaliaram que a maior parte dos acessos foi feita por “jovens negras e negros”.

A conclusão baseou-se nos números dos acessos [Google Analytics] em cidades “com presença massiva e destacada de população negra”, como a cidade de Salvador na Bahia [perto de 7%], Rio de Janeiro [perto de 10%] e São Paulo [20%]. O Município de Bauru [cidade onde está localizada a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, onde estudaram e se formaram os editores] ficou em 8º lugar no ranking dos acessos.

Para os editores, os dados e informações evidenciaram o alcance nacional do portal. O recorte racial do veículo foi determinante na política editorial e na cobertura de políticas públicas

---

<sup>20</sup>Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>> . Acesso em: 10.fev.2017, às 9h43.

<sup>21</sup>Disponível em <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/junho/mapa-do-encarceramento-aponta-maioria-da-populacao-carceraria-e-negra-1>>. Acesso em: 10.fev.2017.

voltadas para a população negra. Foi esse perfil que indicou a magnitude da violência contra a juventude negra, classificada pelos editores como “genocídio da juventude negra”, e estimulou a cobertura do fenômeno, as ações realizadas para conter a violência e a reivindicação de políticas públicas reversivas.

Os editores criticaram as plataformas analisadas pela ausência de ferramentas para a aferição do perfil étnico-racial dos acessos, em especial pelas violências cometidas contra jovens negras e negros, na Década dos Afrodescendentes (2015-2024), determinada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Para os editores do portal, o acesso expressivo deveu-se à popularização dos dispositivos móveis: celular [perto de 37%]; desktop [perto de 59%]; tablets [perto de 3%]. A observação dessa tendência levou os editores a ter um cuidado especial com o layout do portal, tornando-o mais amistoso possível, para facilitar o acesso feito por dispositivos móveis, em especial, celular.

As condições tecnológicas asseguradas pelo arranjo produtivo local intenso de cultura articulado pelos editores fez com que eles elaborassem um plano de “viabilidade econômica” adequado às condições oferecidas pela ecologia digital disponível.

Quanto às condições externas, os editores avaliaram que o aumento do poder aquisitivo dos segmentos sociais em condições precárias favoreceu o projeto. Entre as pessoas que registraram aumento de renda estavam mulheres negras e homens negros.

Os editores informaram [com base nos estudos de 2014 do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas] que houve melhorias nas condições de vida das pessoas da “classe C”, entre 2003 e 2011. No rastro dessa melhoria econômica, aumentou o acesso à internet [brasileiros com mais de 10 anos, 85,9 milhões acessavam a rede mundial de computadores, segundo o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC)].

Para comprovar o aumento da presença negra nesse contingente populacional em ascensão, os editores analisaram os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) de 2014, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE): 53% dos brasileiros se autodeclararam pretos ou pardos; 45,5%, brancos. Em 2004, os números eram 51,2% brancos; 47,9%, negros. Para eles, essa alteração na autodeclaração, aliada ao aumento da renda, formava um ambiente externo favorável ao empreendimento do portal.

No tocante às condições internas, os editores avaliaram que, para atingir o público jovem negro, de forma diversificada quanto à localidade regional, gênero e orientação sexual, o portal deveria adotar uma série de estratégias: aproximação entre o espaço de leitura e a produção de conteúdo, com colunistas identificadas e identificados com os públicos desejados; produção de audiovisual com informações que consolidassem a política editorial do veículo; foco na veiculação de conteúdo nas redes sociais: Facebook, Twitter, Instagram e Youtube.

A política editorial centrou-se, por conta dessas estratégias, na elaboração de reportagens sobre as condições de vida e morte da população negra, como a reportagem especial sobre o massacre do Carandiru, em 2015, quando a tragédia completava 23 anos. O texto gerou grande repercussão e foi republicada por portais de grande audiência na esfera pública afrodescendente: Geledés Instituto da Mulher Negra<sup>22</sup> e a Revista Fórum<sup>23</sup>. O resultado da estratégia foi positivo: aumentou o número de seguidores no Facebook. no Instagram, nas visualizações no site por dia, e nas visualizações em todos os vídeos postados no Youtube. A produção de conteúdo com foco na realidade da população negra e o convite a representantes políticos de importantes segmentos negros como colunistas deram excelentes resultados, na avaliação dos editores do portal.

O foco da política editorial foi a violência sofrida pela juventude negra: mulheres negras mortas no sistema de saúde e jovens negros presos e executados. Tanto a violência física quanto à simbólica. Os maiores acessos estavam nas “tags” genocídio, juventude negra, mulheres negras. Esses foram os temas mais densos e que estabeleceram maior diálogo com a juventude negra. Em 2015, dos 119 textos produzidos, 57 eram informativos e 62 opinativos; 57 com caráter jornalístico; 2 releases; 19 em parcerias; 36 produzidos pelo portal.

O portal teve ativa participação em eventos ligados à questão racial: denúncias das pichações racistas e nazistas nos câmpus das universidades públicas, com a produção de reportagens especiais; participação na construção do Encontro de Estudantes e Coletivos Universitários Negros (EECUN); ação com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), ligada à Presidência da República; ação com a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), ligada à Presidência da República; participação na organização do Encontro Nacional MídiaLivrismo e Juventude; participação na Conferência Nacional da Juventude; articulação

---

<sup>22</sup>Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/#gs.G6kLabM>>. Acesso em: 29.jan.2017, às 13h20.

<sup>23</sup>Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/>>. Acesso em 29.jan.2017, às 13h24.

da rede #NoisPorNois; participação na mobilização contra o projeto da redução da maioria penal; articulação da campanha #15contra16; participação na organização do Festival Musical da Zona Leste de S. Paulo; participação na articulação da Frente de Mídias Negras; premiação pelo Conselho Municipal da Comunidade Negra de Bauru, com o prêmio Luiza Mahin; participação na organização do Movimento do Orgulho Crespo; promoção da ação Pret@ Digital; participação no FLINK SAMPA – Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra<sup>24</sup>.

O portal desenvolveu uma série de iniciativas no formato de financiamento colaborativo, para a produção de conteúdo audiovisual, reportagens e eventos.

De modo geral, desde a sua fundação, o Portal Alma Preta fortaleceu sua estratégia interna, com a consolidação da redação virtual e desterritorializada, com uma ampla rede de colaboradoras e colaboradores, para além do seu núcleo central, formado pelos editores. Na ação externa, o portal fortaleceu suas relações de cooperação e compartilhamento de conteúdos e projetos com diversas organizações política de combate ao racismo e ao genocídio da população negra, conforme a política editorial do veículo.

O desafio central do portal, assim como dos demais arranjos produtivos locais intensos de cultura afrodescendentes, é encontrar o melhor modelo de financiamento colaborativo, sem comprometer sua liberdade e autonomia editorial, focada em um dos temas mais negligenciados pela imprensa empresarial: o genocídio de jovens negras e negros, pobres e moradores nas periferias do país.

### **Considerações Finais**

A experiência do Portal Alma Preta, iniciada em 2015, mas com uma ativa cobertura jornalística, evidencia a formação de um sofisticado exoesqueleto de combate à violência contra a juventude afrodescendente, com a capturação de dados e informações, edição de conteúdos, formatos adequados, e difusão de reportagens e artigos de qualidade alinhados à luta política contra o genocídio de jovens afrodescendentes. Os acessos aos conteúdos do portal concentram-se em áreas de presença expressiva dessa população, entre jovens negras e

---

<sup>24</sup> Os dados são referentes ao ano de 2015. Os editores estão consolidando os dados relativos ao ano de 2016, que poderão fazer parte de novos artigos sobre a importância do exoesqueleto afrodescendente na luta contra o racismo.

negros e nos conteúdos críticos de denúncias contra os homicídios, encarceramentos e mortes de mulheres negras no sistema de saúde pública.

A ausência da cobertura desses temas capitais para a democracia e equidade social estimula a cobertura feita por arranjos produtivos locais intensos de cultura (ApliCs), articulados por jovem moradores na periferia, e a promoção de uma esfera pública alternativa, precária e radical, para o enfrentamento ao racismo, com elevado grau de eficiência na denúncia e na elaboração de políticas públicas reversivas.

A ecologia digital favorece empreendimentos criativos para o ciberativismo negro. A articulação de uma redação virtual [descentralizada, digital e desterritorializada], de um qualificado núcleo de colaboradoras e colaboradores, da produção de formatos informativos e opinativas, com forte ênfase em temas de interesses da juventude negra, garanta que as ações do portal tenham expressiva repercussão e impacto nos debates e atividades políticas.

O exoesqueleto propicia a produção colaborativa e compartilhada de conteúdo. Ele potencializa o planejamento, a produção e mobilização dos segmentos sociais negros no enfrentamento ao preconceito, à discriminação e ao racismo. A força dessa ação, em diversos momentos, é capaz de fraturar o bloco de invisibilidade promovido pela mídia comercial. Em momentos pontuais e agudos, esse exoesqueleto pauta a mídia empresarial, e estimula o debate sobre a necessidade de elaboração de políticas públicas.

Protagonista dessa nova modalidade de produção de conteúdo, a juventude negra contribui com a renovação das formas de produção de informação. O ethos jornalístico construído no século 20 para a legitimação da imprensa [imparcialidade, neutralidade e isenção] naufragou diante dos enfrentamentos políticos, econômicos, sociais e culturais que caracterizam a sociedade moderna, mergulhada no fascismo social.

Com a ação proativa e propositiva dessas mídias radicais articuladas, restauram-se as prerrogativas de objetividade da informação, como elemento epistêmico, capaz de contribuir com a leitura e o conhecimento possível da realidade circundante.

Observar, conhecer, intervir e mudar: verbos conjugados pelos artífices desse exoesqueleto digital afrodescendente, do qual faz parte o Portal Alma Preta, ponta de lança do ciberativismo na luta política contra o extermínio e a violência articuladas contra jovens negras e negros.

## Referências Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOWNING, John. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. (Porto Alegre: Tchê, 1987).
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. [et al]. 4ª ed. Brasília: IPEA, 2011.
- LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MORAES, Dênis de SERRANO, Pascual; RAMONET, Ignácio. **Mídia, Poder e Contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: BOITEMPO: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional x identidade negra. São Paulo: Editoras Vozes USP, 2001.
- NASCIMENTO, Pedro Borges Franco Zimmermann do. **Alma Preta**. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2016.
- PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. São Paulo: Novos Estudos - CEBRAP no. 7, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004)>. Acesso em 29.jan.2017.
- SANTOS, Milton. **Por outra globalização**: do pensamento único ao pensamento universal. São Paulo: Editora Record, 2000.
- ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2016.
- SOARES, Luiz Eduardo. **Rio de Janeiro**: história de vida e morte. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.
- TUCHMAN, Gaye. **La produccion de la noticia**: studio sobre la realidad. Barcelona: Gili, 1983.
- TURINO, Célio. **Pontos de cultura**: O Brasil de baixo para cima. 2ª ed. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. (coord.). **Mapa da violência, 2015**: mortes matadas por armas de fogo. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>: acesso 14.fev.2016, às 15h35.

XAVIER, Juarez Tadeu Paula; XAVIER, Patrícia Alves Matos. Movimentos sociais, ecologia digital, mídias radicais e as narrativas anticapitalistas na esfera pública alternativa global. In.: Razón y Palabra. Disponível em: **Ecología de los médios**. Março/Maio 2015 <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N89/acercade89.html>. Acesso em: 10.fev.2017, 9h58.